

DO EMPREGO DAS LÍNGUAS CLÁSSICAS AO EMPREGO COM AS LÍNGUAS CLÁSSICAS

Jorge Deserto

Embora o título desta breve comunicação incida sobre as Línguas Clássicas, terá de ficar claro, desde o primeiro instante, que o que aqui me traz não se refere apenas ao estudo de duas línguas patrimoniais (o Latim, o Grego antigo), mas, de uma forma mais ampla, abarca um grupo vasto de saberes – o conjunto das culturas e das literaturas, grega e romana, e a sua vastíssima influência posterior.

Trata-se, pois, de uma área de conhecimento que ultrapassa largamente o acto simples de entender e/ou traduzir de forma correcta uma ou duas línguas. Aquilo de que vos falo é algo que desempenha um papel fundamental em toda a cultura ocidental, algo de que é absolutamente impossível fugir, que está sempre presente, seja por nos revermos nesta matriz cultural, seja porque, por uma razão ou outra, lhe pretendemos reagir.

Repare-se com atenção neste património e no seu valor fundador. Nele encontramos as primeiras narrativas do ocidente, e narrativas tão poderosas que alastraram como influência ao longo dos séculos. Mas também vemos nascer a poesia lírica e, dentro dela, os sentimentos do poeta, a dor e o amor em constante mistura. É também aqui que surge, já surpreendentemente adulto, o teatro. Ou então a democracia e o germe do envolvimento político a que podemos chamar cidadania. Ainda o direito e as bases da linguagem jurídica. É aqui, igualmente, que as ciências e a medicina vão buscar a sua metalinguagem. Aqui vemos também nascer a retórica, essa arte de agir sobre os outros com as armas do discurso.

Uma primeira conclusão se apresenta como óbvia. Este é um mundo demasiado valioso para que lhe voltemos as costas. Além disso, é um mundo

que, no espaço europeu – e tal não acontece apenas no espaço europeu – tem um valor inclusivo. Há aqui um conjunto de tradições culturais e literárias que, mesmo se nem sempre assumidos e articulados do mesmo modo, representam um factor de aproximação e de coesão. Aquilo que une é, como se compreende, sempre mais importante do que aquilo que separa.

A questão é, pois, como colocar este património do nosso lado. A questão é não deixar que os ventos, que agora sopram tão utilitários, fechem as portas e, de caminho, também as janelas. Já há alguns anos, num programa semanal que apresentava na rádio, Sérgio Godinho referia-se a José Afonso dizendo que este abriera “janelas onde nem paredes havia”. Nós estamos melhor. Temos as paredes e temos até as janelas. E temos de perceber que o vento que as fecha terá de ser o mesmo que, usado a nosso favor, deverá permitir abri-las.

Começo pelo óbvio. Do meu ponto de vista, como facilmente calcularão, não merece qualquer discussão que um aluno que se especialize em Português tenha de ter, forçosamente, conhecimentos de Latim. Aliás, de outro modo essa suposta especialização em Português não passaria de uma farsa. Mas, assente este aspecto de base, acho que é possível abrir muita coisa à discussão. Parece-me, por exemplo – e esta opinião poderá não ser sequer consensual entre alguns dos meus colegas com formação em estudos clássicos – que não é forçoso enclausurar o Latim num ensino que seja quase exclusivamente gramatical (e que, por isso, às vezes, parece alimentar-se um pouco de si próprio); e parece-me, por outro lado, que se deve encarar o Latim como uma ponte de acesso eminentemente cultural, na qual a língua – à qual, como é óbvio, não se deverá voltar inteiramente as costas – deve funcionar como chave de entrada num outro mundo – para o qual olhamos não apenas por ele, mas porque olhar para esse outro mundo é uma forma de ver melhor aquele em que estamos. Há que fazer um esforço, temos todos de o fazer, para conferir aos discursos que o Latim – e o Grego – iluminam um sentido mais nítido, mais prático e mais ligado a formas de reflectir actuais.

Mas o esforço não pode ficar por aqui. Deixem-me só apontar um exemplo de outra natureza, que poderá, porventura, corresponder a uma janela que valha a pena tentar abrir. Todos nós sabemos que Portugal é um país conhecido pelas suas potencialidades turísticas. Sabemos igualmente que grande parte da nossa oferta turística se esgota no binómio sol e mar. Infelizmente, ainda para mais, é um binómio esquisito, que tem, frequentemente, três elementos: sol, mar e betão. Mas, com o tempo, já fomos também percebendo outra coisa. Há muito, no mundo, quem possa oferecer sol e mar, e alguns, por variadíssimas razões, oferecem-nos de forma mais competitiva. Assim, é necessário que não deixemos de lado outras alternativas. Ora um aspecto importante para o qual a nossa oferta turística pode ser direccionada tem a ver com o turismo de natureza patrimonial, por exemplo de incidência religiosa. Repare-se na forma como, em torno dessa oportunidade, poderá fazer sentido formar pessoas com sólidos conhecimentos sobre os textos antigos – abundam as inscrições em Latim, abundam os textos latinos –, pessoas que sejam capazes de apresentar e de contextualizar os monumentos ou as tradições, juntando-lhes outras referências culturais e históricas, servindo-se de outros textos que, a propósito de um lugar, de um costume, tenham força evocativa. Ou seja, construindo à volta dessas tradições, desses monumentos, desses lugares, um discurso cultural estruturado. Uma coisa é, por exemplo, confrontar os turistas com um monumento, outra, bem mais interessante, é construir, com erudição, mas igualmente de um modo sedutor, uma narrativa que envolva esse monumento e que o transforme em personagem, lhe confira respiração. Há um caminho que pode abrir-se se se pensar num tipo de formação deste género. Este é, note-se, apenas um exemplo. Não será sequer o melhor. Mas pretende sugerir também que nos cabe a todos a missão de propor iniciativas.

Em suma, os limites que enfrentamos são sérios, mas estamos obrigados a encará-los como desafios. As tradições, o contexto cultural, muita da base civilizacional, cultural e literária, que os textos gregos e latinos guardam, tudo

isso representa, em larga medida, o chão onde pomos os pés. É um chão sólido, podemos construir em cima dele o que quer que seja. Ora, eu compreendo que seja importante olhar para diante, andar para a frente. Mas é mesmo necessário que continuemos a caminhar sempre sem dar atenção ao chão que pisamos?

JORGE DESERTO